

# Petróleo Apesar da cotação da commodity em alta, spreads das resinas mantêm-se positivos

## Petroquímicas à base nafta, como Braskem, seguem competitivas

Stella Fontes  
De São Paulo

A recuperação das cotações do petróleo ainda não foi suficiente para afetar a competitividade das petroquímicas que usam nafta como matéria-prima, entre elas a Braskem, maior produtora de resinas termoplásticas das Américas. Para este segundo trimestre, a expectativa é a de que a diferença de preços entre nafta e petroquímicos básicos e resinas (os chamados spreads) permaneça positiva, com provável suporte a uma nova rodada de resultados operacionais fortes no setor.

Segundo a consultoria MaxiQuim, a cotação da nafta no mercado interno está em R\$ 1,2 mil a tonelada, frente à média de R\$ 1,5 mil no primeiro trimestre, influenciada pelo câmbio e, com algum atraso, pelo recuo do petróleo no início do ano. Já o preço médio da nafta ARA (referência europeia), que foi de US\$ 321 por tonelada nos três primeiros meses do ano, subiu para aproximadamente US\$ 400 a tonelada neste mês, refletindo imediatamente a valorização do petróleo.

Desde o início do trimestre, o

barril do Brent já subiu cerca de 19%, em busca do nível de US\$ 50.

Os preços da nafta na Europa começaram a se recuperar em abril, mas esse movimento ainda não chegou ao mercado doméstico, de acordo com Solange Stumpf, diretora da MaxiQuim. Isso se deve à defasagem que sempre existiu entre as cotações domésticas e internacionais da matéria-prima — de três meses no ano passado e de um mês a partir de 2016.

Por causa dessa defasagem, avalia Solange, é provável que o preço médio da nafta no país seja ainda mais baixo neste trimestre do que o registrado nos três primeiros meses do ano. Ao mesmo tempo, os valores de resinas termoplásticas no mercado internacional não caíram com a mesma intensidade que o petróleo e, sobretudo no caso do polipropileno comercializado no mercado americano, as cotações permanecem em alta. Com isso, os spreads têm se sustentado em níveis elevados. "O cracker base nafta ainda está no páreo", comentou a especialista.

Em linhas gerais, a previsão da indústria petroquímica global é a de manutenção de spreads positivos ao longo de 2016, uma vez

que não há sinais de que as cotações do petróleo avançarão com muita força e a demanda deve manter robusta, sobretudo em polietileno. Na China, a entrada em operação de novas fábricas de PP pode trazer alguma volatilidade ao mercado, em movimento que pode ser atenuado pelo consumo crescente da resina nos Estados Unidos.

### Em relatório, o BofA elevou recomendação para as ações e ADRs da Braskem de neutra para compra, a R\$ 34 e US\$ 17

Para a equipe de análise do Bank of America Merrill Lynch (BofA), esse ciclo de alta da petroquímica pode persistir até 2017. Na avaliação de especialistas do banco, o mercado pode estar superestimando o crescimento esperado para a oferta global de eteno, ao ignorar o atraso na entrada em operação de determinados complexos industriais nos últimos três ciclos e ao incluir no cálculo projetos que ainda carecem de financiamento ou licenças.

Em relatório do início do mês,

que traz uma visão da indústria petroquímica global, o BofA estima que a oferta mundial de eteno vai crescer em média 2,4% ao ano até 2017, frente ao consenso de mercado de alta de 4,3%, com declínio mais suave do que o esperado dos spreads. "A demanda deve crescer em linha com o PIB global, mas poderá surpreender para cima com a diminuição dos estoques, a redução da reciclagem na China e a manutenção da demanda firme em mercados emergentes", diz o relatório.

Em outro relatório, de 23 de maio, o banco elevou a recomendação para as ações e ADRs (recibos de ações) da Braskem de neutra para compra, com preço-alvo de R\$ 34 por papel (US\$ 17 por ADR), na esteira da desvalorização de 23% registrada nos últimos três meses e da expectativa de resultados positivos para a companhia.

"Olhando para a frente, continuamos a ver fortes resultados, impulsionados por elevados spreads internacionais para as resinas e pelo início de operação do projeto Etileno XXI no México", afirmaram os analistas Vicente Falanga Neto e Frank McGann.

O banco estima em US\$ 620 a tonelada, em média, o spread

para as resinas polietileno e polipropileno até 2018 e em US\$ 230 a tonelada para o PVC.

No primeiro trimestre, a Braskem teve resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) recorde, de R\$ 3,06 bilhões, o dobro do valor registrado um ano antes. A empresa foi beneficiada principalmente pelos spreads mais elevados e maior exportação de resinas.

Nesse período, conforme a companhia, o spread médio internacional das resinas produzidas no país ficou em US\$ 616 a tonelada, com alta de 6% frente ao quarto trimestre e queda de 7% na comparação anual.

Nos principais petroquímicos básicos, informou a Braskem, essa diferença de preços totalizou US\$ 342 a tonelada, com avanço de 7% frente ao intervalo imediatamente anterior e 16% acima do apurado um ano antes. O destaque do período, porém, ficou com o polipropileno produzido nos Estados Unidos, com spread 116% superior em relação ao mesmo trimestre de 2015, diante da queda de preços do propeno e do petróleo e do aumento da demanda pela resina no mercado americano.

## Conselho da Petrobras vai definir novo presidente

Cláudia Schüffner  
Do Rio

A condução do ex-ministro Pedro Parente para a presidência da Petrobras depende da renúncia de Aldemir Bendine, que deve acontecer hoje. Parente esteve várias vezes na Petrobras na semana passada e participou de reuniões. Pelo rito, Bendine deve apresentar uma carta de renúncia tanto do conselho como da presidência da estatal e, em seguida, Parente será eleito para um assento no colegiado. Ato contínuo, os conselheiros devem indicá-lo para a presidência da companhia.

Segundo uma fonte qualificada, os conselheiros poderão fazer uma reunião virtual hoje, sem a necessidade de que se encontrem formalmente, já que a indicação de Parente já foi apreciada pelos comitês responsáveis pela análise de integridade e atende aos requisitos, segundo uma fonte a par do assunto. Oficialmente, não existe reunião do conselho marcada e a companhia não tem uma data para a posse do novo presidente.

Outra mudança esperada para breve é a saída de Luciano Coutinho, ainda presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Ele é o membro mais longo do colegiado da estatal, e ocupa uma vaga desde 2008. A troca de seu nome no conselho ainda não tem data, e deve ocorrer após posse de Parente. Segundo o Valor apurou, o substituto de Coutinho será escolhido do conselho de administração.

A indicação do engenheiro passou pela análise do Comitê de Remuneração e Sucessão e o resultado também passa pela área de conformidade e integridade. A nova regra, que foi adicionada ao Estatuto Social da Petrobras na Assembleia Geral Ordinária realizada dia 28 de abril, já tinha sido aplicada durante a reestruturação que reduziu o número de gerências de 54 para 41 cargos, na qual Antônio Sergio Santana foi substituído na diretoria de Recursos Humanos, SMS e Serviços por Hugo Repsold.

Todos os executivos atualmente em funções gerenciais na Petrobras e os diretores já foram analisados por esse processo antes que a medida fosse incluída no Estatuto. Parente foi um dos coordenadores da Câmara de Gestão da Crise de Energia Elétrica, conhecido como "ministério do apagão" no governo FHC, quando teve assento no conselho da Petrobras. Na iniciativa privada, comandou o grupo de comunicação RBS e a multinacional de grãos Bunge. Ultimamente, se dedicava à Prada Assessoria. Também preside o conselho da BM&F Bovespa, onde é colega de Luiz Nelson Carvalho, atual presidente do conselho da Petrobras.

## BTG avalia venda de participação na PetroAfrica

Vinicius Pinheiro  
De São Paulo

O BTG Pactual avalia a venda da participação de 50% que detém na PetroAfrica, associação com a Petrobras que reúne ativos no continente africano. A informação, publicada pela agência "Bloomberg", foi confirmada pelo Valor. O banco não abriu um processo formal de venda da companhia, mas tem recebido consultas, principalmente de empresas internacionais de petróleo interessadas no negócio, segundo uma fonte. Procurado, o BTG não comentou o assunto.

O banco se tornou sócio da Petrobras em junho de 2013, depois de pagar cerca de US\$ 1,5

bilhão pela metade dos ativos que a estatal detém na África. A companhia possui negócios em Angola, Benin, Gabão, Namíbia, Nigéria e Tanzânia.

O interesse pelas operações ocorreu após o BTG colocar à venda todos os ativos considerados não essenciais para preservar a liquidez, em meio à crise provocada pela prisão do ex-controlador André Esteves, em novembro passado. O executivo foi solto posteriormente e voltou à instituição em abril, na condição de "sócio sênior", mas sem integrar o grupo de executivos que controla o banco.

A situação do BTG agora é considerada mais estável e não há necessidade imediata de venda

da PetroAfrica ou de outros ativos, segundo a fonte. Para fazer caixa, o banco se desfez de uma série de negócios, incluindo a empresa de recuperação de crédito Recovery, a Rede D'Or de hospitais, a Pan Seguros e a varejista Leader, além do controle do banco suíço BSI.

Embora continue avaliando eventuais propostas, não há nenhuma transação para a venda da PetroAfrica em andamento no momento, de acordo com o executivo, que pediu para não ser identificado. Caso se concretize, a transação deve ocorrer a partir de negociações individuais, na linha do que ocorreu, por exemplo, com a participação que o banco detinha na Rede D'Or, vendida para o GIC,

fundo soberano de Cingapura.

Até o momento, o negócio com a Petrobras só trouxe problemas para o banco. Na época do investimento do BTG, o barril do petróleo era negociado na casa de US\$ 100. Hoje, não passa da metade desse valor. A referência para a avaliação dos ativos da PetroAfrica, contudo, é a curva futura da commodity, que apresentou uma queda menor, segundo a fonte.

A compra da participação na PetroAfrica também levantou suspeitas de um possível favorecimento ao BTG, informação negada pela estatal e pela instituição. Recentemente, uma investigação externa contratada pelo banco, a cargo do escritório de advocacia americano Quinn Emanuel, in-

formou não ter detectado práticas irregulares na transação.

No fim do ano passado, o BTG fez uma baixa contábil da ordem de R\$ 1 bilhão em investimentos nos setores de óleo e gás e varejo, que incluem a PetroAfrica. Os ativos já haviam sofrido uma baixa parcial em 2014, após o fim da campanha exploratória em blocos na região sem a descoberta de petróleo.

Outra investida malograda do BTG no setor de óleo e gás foi na Sete Brasil, fornecedora de sondas para o pré-sal que entrou em recuperação judicial em abril. O banco é o maior cotista do fundo de participações (FIP) que controla a companhia, que possui dívidas da ordem de R\$ 18 bilhões.

## Cenário de preços ainda pode estimular aquisições

Renato Rostás  
De São Paulo

Depois da união entre Shell e BG no ano passado, uma das maiores do setor nos últimos tempos, 2016 pode trazer outra fusão ou aquisição de grande porte, prevê a casa de análise de dívida corporativa CreditSights. Os preços do petróleo se recuperam, mas ainda abaixo de US\$ 50 por barril, e se estabilizam, dando maior previsibilidade para as empresas, explica a instituição.

Os preços do Brent e do WTI se aproximam de US\$ 50, valor baixo perto dos mais de US\$ 100 observados em 2014, mas mesmo assim em alta de 55% frente à menor cotação recente. Na ICE Futures de Londres, os investidores já apostam em US\$ 53 para o fim do ano que vem, mostrando que a commodity pode ter atingido sua estabilidade. Analistas creem que a dinâmica entre oferta e demanda se equilibre em 2016 e até falte petróleo a partir de 2017.

Segundo dados da Dealogic, empresa de inteligência de mercado, o setor de petróleo e gás —

que compreende produtoras, fornecedoras, transportadoras e o segmento de refino —, foram realizadas 234 operações de fusões e aquisições no primeiro trimestre, a um valor total de US\$ 27 bilhões. Esse é o pior nível para esse período desde 2005. No acumulado do ano até maio, foram 376 negócios, ou US\$ 46 bilhões.

### Se negócio seguir os parâmetros da compra da BG, a aquisição da Anadarko pela Exxon poderá ser de US\$ 31 bi

A CreditSights prevê que em 2016 as companhias do setor farão negócios desse tipo em um total de US\$ 285 bilhões. Apesar de representar uma queda de 18% ante o volume do ano passado, esse valor significa que no segundo semestre o mercado deve ser mais agitado do que foi até agora. Só nos Estados Unidos, a casa de análise crê em US\$ 110 bilhões. Mas para que a projeção se concretize, a instituição aposta em

pelo menos um negócio gigante de associação entre empresas, opina o analista Brian Gibbons.

Recentemente, rumores de que a gigante americana ExxonMobil possa comprar a conterrânea Anadarko Petroleum surgiram entre os investidores. A operação, informa a CreditSights, faz sentido e ajudaria as fusões e aquisições a alcançarem o nível previsto. Ao mesmo tempo, transações entre companhias de tamanhos semelhantes, especialmente as menos avançadas financeiramente e operadoras do xisto nos Estados Unidos, também são aguardadas.

No ano passado, o lucro antes de juros, impostos, depreciação, amortização e gastos com exploração (Ebitdax, na sigla em inglês) ajustado da Anadarko, para não refletir as baixas contábeis de US\$ 1,5 bilhão realizadas, foi de US\$ 38 milhões. O valor de mercado do grupo encontrava-se próximo a US\$ 27,67 bilhões, atualmente. O Ebitdax da ExxonMobil foi de US\$ 41,85 bilhões, seu valor de mercado alcança a cifra de US\$ 374,77 bi-

### Ritmo estável

Futuros apontam Brent em US\$ 55 até o fim de 2018 - em US\$/barril

